

TÓPICOS

MACHADO DE ASSIS E A TRANSEXUALIDADE

Paulo Roberto Bastos Canella

As pessoas em sua maioria exibem um comportamento heterossexual, muitos clara ou veladamente são, em variados graus, homossexuais. Outros se travestem, usam roupas ou fetiches do sexo diferente do seu e os exibe com prazer sem que necessariamente sejam homossexuais. O terceiro tipo de pessoas são os transexuais

Há diferenças importantes entre homossexualismo, travestismo e transexualismo.

O homossexualismo é tido como hábito, tendência, opção das pessoas para a prática sexual com indivíduos do mesmo sexo. Considerada uma doença desde o início da idade moderna, em 1974 o homossexualismo saiu do rol das psicopatias, posto que não existem medidas psicológicas e/ou outros traços de personalidade que pudessem distinguir os homossexuais dos heterossexuais.

O travestismo caracteriza-se pelo uso de roupas e acessórios culturalmente determinado ao sexo oposto, podendo estes indivíduos travestir-se completamente ou simplesmente utilizar-se de determinadas peças específicas. Tal uso tem como objetivo parecer pertencer ao outro sexo e obter ou proporcionar excitação sexual através do uso do traje. Assinale-se o transformismo, as apresentações em espetáculos de indivíduos do sexo, em geral, masculino, que se transformam em mulheres que podem se vistas como uma forma de arte. Há também os que se travestem com fins de vender prazeres sexuais.

A libido de pessoas homossexuais e travestis, na maioria dos casos, está em boa forma e elas utilizam os seus genitais como forma de obter prazer em contatos homossexuais ou bissexuais, variando de pessoa para pessoa, ou de época para

época, durante a vida.

O transexualismo caracteriza-se pelo sentimento de inadequação entre a realidade psíquica e o corpo físico. Na prática clínica, os chamados transexuais são indivíduos com corpo masculino e “cabeça” feminina, ou com um corpo feminino sentindo-se animicamente um homem.

Esses indivíduos necessitam de apoio psicológico, além de intervenção hormonal e cirúrgica, para “consertar” um corpo que creem anormal, em relação ao seu sentimento mais íntimo e subjetivo de “ser”. Sentem que seu sexo psicológico é inverso ao seu sexo genético, gonádico, hormonal, legal e de criação. Consideram-se normais e adequadamente vestidos de acordo com sua identidade sexual, percebendo-se como tendo uma orientação heterossexual.

Em certos casos, as linhas divisórias para uma diferenciação entre travestis e transexuais são bastante difíceis, sendo necessário ao terapeuta um tempo longo de observação. Caracterizar a transexualidade exige exame apurado, pois é ela considerada a única disforia de gênero em que há indicação para a operação de trasgenitalização, a mudança do sexo.

Mas os preconceitos não são extintos com normas, e assim a cultura continua a discriminar homossexuais, travestis e transexuais, e hoje vivemos uma intensa luta para integrar essas pessoas na sociedade.

No conto “As academias do Sião”, Machado aborda com uma espécie de premonição a grande polêmica sobre o entendimento do transexualismo, a alma é sexuada, feminina ou masculina, ou ela é neutra, todos os seres são machos e fêmeas,

masculinos e femininos em sua alma, em seus sentimentos?

É esse o tema da polêmica desastrosa e cruel entre as Academias do Sião.

Ainda uma palavra sobre o “científico” que tenta explicar o fenômeno já capaz de motivar nosso bruxo em 1884. O tema foi estudado seriamente por dois cientistas americanos nos anos 1950 e 1960. Um via o corpo dominando a alma neutra e o outro via a alma sexuada dominando o corpo dos seres.

A primazia da biologia, da morfologia somática, era expressada pelo endocrinologista Harry Benjamin em 1953 no seu trabalho “Transvestism and transsexualism”. Mas 15 anos depois a primazia da volição se revelou no sentimento de gênero, em acordo com as ideias do psicanalista Robert Stoller em 1968 no trabalho “Sex and gender”.

Em Machado o gênero era também dominante. O Rei Kalafangko, era um homem feminino e seu reino era femininamente conduzido, logo a concubina Kinnara, uma mulher com alma masculina, ocupa o corpo do rei e passa a conduzir o reino masculinamente. Essa é a percepção do leitor tomado pelo passivo como feminino e o ativo como masculino.

O conto “As academias do Sião” configura o fantástico estranho em Machado. Vejamos o que é esse fantástico que tomou nosso prosador maior.

O gênero fantástico

Segundo Todorov, o gênero fantástico antes parece se localizar no limite de dois gêneros, o maravilhoso e o estranho, do que ser um gênero autônomo.

De forma resumida, temos que no gênero maravilhoso “os elementos sobrenaturais não provocam qualquer reação particular nem nas personagens, nem no leitor implícito. Não é uma atitude para com os acontecimentos narrados que caracteriza o maravilhoso, mas a própria natureza desses acontecimentos”

Já nas obras que pertencem ao gênero

estranho “relatam-se acontecimentos que podem perfeitamente ser explicados pelas leis da razão, mas que são, de uma maneira ou de outra, incríveis, extraordinários, chocantes, singulares, inquietantes, insólitos e que, por esta razão, provocam na personagem e no leitor reação semelhante àquela que os textos fantásticos nos tornaram familiar.”

O estranho não é um gênero bem delimitado; mais precisamente, só é limitado por um lado, o do fantástico; pelo outro, dissolve-se no campo geral da literatura (os romances de Dostoiévski, por exemplo, podem ser colocados na categoria do estranho).

Assim, ainda segundo Todorov, teríamos o gênero maravilhoso como o sobrenatural aceito e o gênero estranho como o sobrenatural explicado. Então, se o gênero fantástico se localiza no limite desses outros dois gêneros, ele ocorre na incerteza:

“Já o fantástico comporta inúmeras indicações a respeito do papel que o leitor irá representar, pois esse gênero “produz um efeito particular sobre o leitor – medo, ou horror, ou simplesmente curiosidade –, que os outros gêneros ou formas literárias não podem provocar”.

É o que ocorre com o leitor “escutando Machado” contar as peripécias de “As academias do Sião”.

Será essa “função” de leitor que fará se instaurar a percepção ambígua no texto, e a hesitação do leitor seria um elemento necessário à concepção do gênero fantástico.

O gênero fantástico em Machado

Cavalcante nos lembra que a primeira obra brasileira dentro desse modelo literário foram os contos de Noite na taverna, de Álvares de Azevedo (PIMENTEL, 2001). Também nos informa que Machado leu e apreciou esses contos, e que seu contato com esse tipo de gênero não se restringiu aos escritores locais, sendo leitor também de Ernst-Theodore-Amadeus Hoffmann (1776-1822), Edgar Allan Poe (1809-1849) e talvez de Gui de Maupas-

sant (1850-1893). Se Machado não conhecia Mau-passant ele conhecia o Brasil, em seu conto, “O Horta” o personagem é acometido por uma doença vinda do Brasil, do interior de São Paulo.

Machado de Assis “é um dos nomes maiores do conto fantástico nas literaturas em língua portuguesa e figura dentre os grandes nomes mundiais do gênero” (Contos completos de Machado de Assis, 2003, p. 60).

Livro organizado pelo crítico Raymundo Magalhães Júnior (1907- 1981) e originalmente publicado em 1973 e relançado pela Editora Bloch em 1998 com o seguinte título: Contos fantásticos: Machado de Assis. Nele estão organizados onze contos do escritor.

Na dissertação de mestrado escrita por Marcelo José Fonseca Fernandes, defendida em novembro de 1999 na Universidade Federal do Rio de Janeiro e intitulada “Quase-macabro: o fantástico nos contos de Machado de Assis”, o autor nos diz que há em Machado “a ocorrência de um fantástico mitigado, diferenciado, quase sempre ambientado em sonhos e, na maioria das vezes, explicável”.

Em 2003, o escritor e compositor Braulio Tavares organizou um livro intitulado Páginas de sombra: contos fantásticos brasileiros, onde estão inseridos dezesseis contos de dezesseis escritores brasileiros, e Machado de Assis figura entre os escritores com o conto “As academias de Sião” (1884).

Aceita-se dezesseis contos fantásticos machadianos. São eles:

“O imortal”,
 “A chinela turca”
 “Um esqueleto”
 “A segunda vida”
 “Marianna”
 “As academias de Sião”

Esses encontramos facilmente por estarem inseridos na Obra completa de Machado de Assis da Editora Nova Aguilar.

“O anjo Rafael”
 “O capitão Mendonça”
 “A vida eterna”
 “O país das quimeras”
 “O anjo das donzelas”

Esses, encontrados no livro organizado por Djalma Cavalcante: Contos completos de Machado de Assis.

“Os óculos de Pedro Antão”
 “A mulher pálida”

Estão, respectivamente, em Contos avulsos e Contos sem data.

“Decadência de dois grandes homens”,
 “Sem Olhos”
 “Um sonho e outro sonho”

Encontramos mais facilmente na internet, embora tenham sido publicados respectivamente em: Contos esquecidos, Relíquias da casa velha (segundo volume) e Relíquias da casa velha (primeiro volume).

A literatura fantástica surgiu para introduzir certos temas caros à sociedade da época, que proibia a abordagem de determinados assuntos. Machado de Assis, por exemplo, no conto “O anjo das donzelas” afirma decoroso: “Descanse leitor, não verá neste episódio fantástico nada do que não se pode ver à luz pública. Eu também acato a família e respeito o decoro (Contos completos de Machado de Assis, 2003, p. 66)”. O respeito do escritor pelo decoro o faz apresentar o “indecoroso” sob as vestes decorosas do fantástico. A opção pela vestimenta fantástica evita a condenação social.

O escritor contemporâneo, nesse caso, não precisa mais da vestimenta fantástica, já que agora a Psicanálise e a própria literatura passam a tratar disso tudo em termos indisfarçados: os temas da literatura fantástica do século XIX são retomados pelas investigações psicológicas do século XX.

A literatura fantástica tradicional “recebeu com isto um golpe fatal; mas desta morte, deste suicídio nasceu uma nova literatura” (TODOROV, 1975, p. 177): o fantástico moderno. Machado de Assis desenvolveu em suas narrativas curtas o fantástico tradicional. No entanto, foi além e desenvolveu também o fantástico moderno em tempos de fantástico tradicional em suas Memórias póstumas de Brás Cubas.

Memórias póstumas de Brás Cubas é sem dúvida o mais instigante romance de Machado de Assis e certamente o romance mais importante da nossa literatura. Mereceu livro de Patrik Pessoa que estuda com rara profundidade essa obra maravilhosa de Machado. Quando Pessoa assinala: (p. 50) “no caso de Machado de Assis e Brás Cubas... quem é o autor e quem é o personagem?” e ainda indaga o autor (p. 48) “Machado será o criador e Brás Cubas a criatura? Machado será a causa e Brás Cubas o efeito? Machado seria o manipulador e Brás Cubas a marionete?”. Se há margem para essas indagações, se o leitor é tocado, o fantástico estranho está presente? Essas perguntas nos fazem pensar que o leitor pode entender Brás Cubas pela razão mas acaba presa do incrível, do inquietante, do insólito.

As academias do Sião

Machado inicia o conto com uma suposição: “Conhecem as academias de Sião? Bem sei que em Sião nunca houve academias: mas suponhamos que sim, e que eram quatro, e escutem-me.”

O leitor deve aceitar o que vem da imaginação do autor, deve escutar o que vai ler:

As estrelas, quando viam subir, através da noite, muitos vaga-lumes cor de leite, costumavam dizer que eram os suspiros do rei de Sião, que se divertia com as suas trezentas concubinas. E, piscando o olho umas as outras, perguntavam:

- Reais suspiros, em que é que se ocupa esta noite o lindo Kalafangko?

Ao que os vaga-lumes respondiam com gravidade:

- Nós somos os pensamentos sublimes das quatro academias de Sião; trazemos conosco toda a sabedoria do universo.

Uma noite, foram em tal quantidade os vaga-lumes, que as estrelas, de medrosas, refugiaram-se nas alcovas, e eles tomaram conta de uma parte do espaço, onde se fixaram para sempre com o nome de Via-Láctea.

Elementos do fantástico, vaga-lumes, são pensamentos sublimes, de sabedoria, e formam a via láctea. Aqui, Machado remete o leitor aos primórdios da criação do universo: é daí que se partirá para o fantástico estranho. Acontecimentos que podem perfeitamente ser explicados pela razão, mas que são, de uma maneira ou de outra, incríveis, extraordinários, chocantes, singulares, inquietantes, insólitos, mergulhando o leitor na curiosidade. Machado o introduz no mito primordial do genesis “macho e fêmea os criou” e na questão platônica da transmigração das almas. Lá está o duplo humano macho/fêmea, a cisão da alma neutral divina e a verdade apodítica da “separação unida” ou da “união separada” da alma humana cuja razão é una.

Deu lugar a essa enorme ascensão de pensamentos o fato de quererem as quatro academias de Sião resolver este singular problema: - por que é que há homens femininos e mulheres masculinas? E o que as induziu a isso foi a índole do jovem rei. Kalafangko era virtualmente uma dama. Tudo nele respirava a mais esquisita feminilidade: tinha os olhos doces, a voz argentina, atitudes moles e obedientes e um cordial horror às armas. Os guerreiros siameses gemiam, mas a nação vivia alegre, tudo eram danças, comédias e cantigas, à maneira do rei que não cuidava de outra coisa. Daí a ilusão das estrelas.

Vai senão quando, uma das academias achou esta solução ao problema:

- Um as almas são masculinas, outras femininas. A anomalia que se observa é uma questão de corpos errados.

- Nego, bradaram as outras três; a alma é neutra; nada tem com o contraste exterior.

Mas dali em diante perderam a vergonha. A rivalidade desgrenhou-se, pôs as mãos na cintura, baixou à lama, à pedrada, ao murro, ao gesto vil, até que a academia sexual, exasperada, resolveu dar cabo das outras, e organizou um plano sinistro.

A academia sexuada deu cabo dos membros das outras três, trucidando-os cruelmente.

Ao todo, trinta e oito cadáveres. Cortaram uma orelha aos principais, e fizeram delas colares e braceletes para o presidente vencedor, o sublime U-Tong. Ébrios da vitória, celebraram o feito com um grande festim, no qual cantaram este hino magnífico: “Glória a nós, que somos o arroz da ciência e a luminária do universo.

Estava aberta a passagem com aval acadêmico (científico?) para a transmigração das almas.

Uma só pessoa aprovou tudo: foi a bela Kinnara, a flor das concubinas régias.

Molemente deitado aos pés da bela Kinnara, o jovem rei pedia-lhe uma cantiga.

- Não dou outra cantiga que não seja esta: creio na alma sexual.

- Crês no absurdo, Kinnara.

- Vossa Majestade crê então na alma neutra?

- Outro absurdo, Kinnara. Não, não creio na alma neutra, nem na alma sexual.

- Mas então em que é que Vossa Majestade crê, se não crê em nenhuma delas?

- Creio nos teus olhos Kinnara, que são o sol e a luz do universo.

- Mas cumpre-lhe escolher: - ou crer na alma neutra, e punir a academia viva, ou crer na alma sexual, e absolvê-la.

- Que deliciosa que é a tua boca, minha doce Kinnara! Creio na tua boca: é a fonte da sabedoria.

(creio nos teus olhos, o sol e a luz do universo e creio na tua boca; é a fonte da sabedoria)

Kinnara levantou-se agitada. Assim como o rei era o homem feminino, ela era a mulher máscula, - um búfalo com penas de cisne. Era o búfalo que andava agora no aposento, mas daí a pouco foi o cisne que parou, e, inclinando o pescoço, pediu e obteve do rei, entre duas carícias, um decreto em que a doutrina da alma sexual foi declarada legítima e ortodoxa, e a outra absurda e perversa. Nesse mesmo dia, foi o decreto mandado à academia triunfante, aos pagodes, mandarins, a todo o reino. A academia pôs luminárias; restabeleceu-se a paz pública.

E Kinnara providenciou o feitiço, o sortilégio, que retirou as almas dos corpos de um e outro e Kinnara recebeu a alma de Kalafangko e ele a da concubina. Adequados alma e corpos, no fantástico machadiano, como hoje se busca fazer pelos meios endócrinos e cirúrgicos que comandam a redesignação, a “busca da casa adequada”, e assim o reino passou a ter um rei homem e uma concubina mulher. O rei Kalafangko e a concubina Kinnara não trocam apenas de corpos, mas passaram a se comportar como machos homens e fêmeas mulheres. O homem, agora com o corpo de homem, age com o poder cruel e impõe a ordem que o feminino de Kalafangko não sabia impor.

(Seres que se comportam como se espera, culturalmente, quando há acordo alma/corpo.)

Mais do que original para a época: as Academias de Sião tentavam resolver um peculiar pro-

blema: “por que é que há homens femininos e mulheres masculinas? e o que as induziu a (discutir) isso foi a índole do jovem rei.

Machado pinta a violência que ainda hoje permeia as questões de gênero na luta entre as academias.

Eles acertaram que seis meses depois as almas seriam destrocadas.

“Um e outro estavam bem, como pessoas que acham finalmente uma casa adequada. Kalafangko espreguiçava-se todo nas curvas femininas de Kinnara. Esta inteiriçava-se no tronco rijo de Kalafangko. Sião tinha, finalmente, um rei.”

“A primeira ação de Kalafangko (daqui em diante entenda-se que é o corpo do rei com a alma de Kinnara, e Kinnara o corpo da bela siamesa com a alma do Kalafangko) foi nada menos que dar as maiores honrarias à academia sexual.”

“Faltava uma guerra. Kalafangko, com um pretexto mais ou menos diplomático, atacou a outro reino, e fez a campanha mais breve e gloriosa do século. Na volta a Bangkok, achou grandes festas esplêndidas.”

Mas a violência parece não abandonar a questão, é como se o homem precisasse matar a fêmea que existe dentro dele e a mulher seu macho interior. É incrível que Machado pudesse ter a sensibilidade de tocar nesses temas com o seu fantástico.

De noite, acabadas as festas, sussurrou-lhe ao ouvido a bela concubina:

- Meu jovem guerreiro, paga-me as saudades que curti na ausência; dize-me que a melhor das festas é a tua meiga Kinnara.

Kalafangko respondeu com um beijo.

- Os teus beijos têm o frio da morte ou do desdém, suspirou ela.

Era verdade, o rei estava distraído e preocupado;

meditava uma tragédia. Ia-se aproximando o termo do prazo em que deviam destrococar os corpos, e ele cuidava em iludir a cláusula, matando a linda siamesa. Hesitava por não saber se padeceria com a morte dela visto que o corpo era seu, ou mesmo se teria de sucumbir também. Era esta a dúvida de Kalafangko; mas a ideia da morte sombrea-lhe a frente, enquanto ele aflagava ao peito um frasquinho com veneno, imitado dos Bórgias.

Mas o rei queria apoio para suas ações e...

De repente, pensou na douta academia; podia consultá-la, não claramente, mas por hipótese Sabe-se que ele mandou chamar os outros acadêmicos, mas desta vez separadamente, a fim de não dar na vista, e para obter maior expansão. O primeiro que chegou, ignorando aliás a opinião de U-Tong, confirmou-a integralmente com a única emenda de serem doze os camelos, Ou treze, contando o próprio U-Tong. O segundo não teve opinião diferente, nem o terceiro, nem os restantes acadêmicos. Diferiam no estilo; uns diziam camelos, outros usavam circunlóquios e metáforas, que vinham a dar na mesma coisa. E, entretanto, nenhuma injúria ao caráter moral das pessoas. Kalafangko estava atônito.

E foi então que Kalafangko percebeu que a mentira e a hipocrisia – homossexualismo??? (talvez alegoria e sátira às academias literárias que Machado fundaria) dominava os acadêmicos, todos, prenes de individualidade, desprezavam seus pares mas eram orgulhosos de seu lema:

“Glória a nós, que somos o arroz da ciência e a claridade do mundo!”

Mas não foi esse o último espanto do rei. Não podendo consultar a academia, tratou de deliberar por si, no que gastou dois dias, até que a linda Kinnara lhe segredou que era mãe. Esta notícia fê-lo recuar do crime. Como destruir o vaso eleito da flor

que tinha de vir com a primavera próxima? Jurou ao Céu e à Terra que o filho havia de nascer e viver. Chegou ao fim do semestre; chegou o momento de destrocar os corpos.

Como da primeira vez, meteram-se no barco real, à noite, e deixaram-se ir águas abaixo, ambos de má vontade, saudosos do corpo que iam restituir um ao outro. Quando as vacas cintilantes da madrugada começaram de pisar vagarosamente o céu, proferiram eles a fórmula misteriosa, e cada alma foi devolvida ao corpo anterior. Kinnara, tornando ao seu, teve a comoção materna, como tivera a paterna, quando ocupava o corpo de Kalafangko. Parecia-lhe até que era ao mesmo tempo mãe e pai da criança.

- Pai e mãe? repetiu o príncipe restituído à forma anterior.

Kalaphangko planeja matá-la para não desfazer a troca, porém quando ela revela estar grávida e o rei sente-se incapaz de matar seu próprio filho, símbolo da virilidade que lhe restava e aval da continuidade da linhagem real. Ou seja, primeiro Kinnara consegue fazer a troca de corpos através de um beijo e depois logra não ser morta pela maternidade, todas armas femininas???? Ou será o feminino que planeja matar o masculino e é tomado pelo amor do filho?

O conto termina com um barco que passa pelo barco real onde estão os acadêmicos que cantam:

“Glória a nós, que somos o arroz da ciência e a claridade do mundo!”